

PALAVRAS SEM LÍNGUA

De acordo com Simônides de Céos, na definição célebre que seria retomada por Camões no canto VIII d'*Os Lusíadas*, "A pintura é poesia silenciosa, a poesia é pintura que fala." E fala, na verdade, com uma abertura de possibilidades e ressonâncias superior à do verbo, e só superada pela da música, a arte pura, parâmetro inatingível de todas as outras. É sobre essa eterna aproximação que o grande artista que é Fernando Pacheco cria as pinturas e os livros-objetos que aqui se expõe. Ninguém melhor que o próprio pintor para explicar ao público, no caso espectador e também manuseador, o que ele propõe:

"O entendimento ou comunicação se dá entre a obra e o fruidor, não através de linguagem palpável, concreta ou objetiva, como o idioma, por exemplo. Mas através de linguagem subjetiva e invisível. Através de sutilezas e metáforas, abrimos as gavetas da alma e deixamos os mistérios e as mágicas impossíveis se realizarem. Desejos, sonhos, fantasias, tudo circulando em uma só dimensão, em condensações velozes. Criança/ adulto, passado/ presente: Tudo agora! Em um só momento. Nada é obrigatoriamente o que parece ser. Tudo na tela tem outros muitos significados. E quando o espectador questiona: Quem são estes personagens que tanto me olham? Através daqueles tantos olhos das figuras das telas e do inconsciente do Artista/ autor, a pergunta volta: E você que tanto me olha? Quem é você? Quais são seus sonhos? E o olhar da Arte se faz, de olhos fechados para dentro de nós mesmos!...E tudo recomeça no quadro seguinte. Sem desvelamento possível."

Não é fácil afirmar o que mais causa admiração na arte de Fernando Pacheco, se a perfeita estrutura de suas telas, se o cromatismo brilhante e muito pessoal, se a libérrima criatividade da figuração. Há algo de uma narrativa oculta em suas obras, nessa série de olhos, de faces, de corpos, de instrumentos musicais que permanece um enigma e justifica o título do conjunto. Ainda que visceralmente original, a violência das cores e o desenvolvimento espacial das formas em suas telas o aproximam de uma prestigiosa família pictórica surgida no século XX, e que engloba nomes tão diversos como os de um Kandinsky ou um Arshile Gorky. De fato, a sua pintura, perfeitamente centrada na figuração, deixa perceber um parentesco estrutural sutil com o expressionismo abstrato.

É com grande satisfação, portanto que a Galeria Manuel Bandeira e a Academia Brasileira de Letras oferecem ao público carioca este privilegiado encontro com Fernando Pacheco, grande artista mineiro, brasileiro e universal.

Alexei Bueno